



Julho / 2012

SEMENTES do XINGU

SAIBA MAIS SOBRE A REDE DE SEMENTES DO XINGU EM WWW.SEMENTESDOXINGU.ORG.BR

Semeando o futuro

Assentados, indígenas e coletores urbanos de Mato Grosso são a prova de que é possível viver da floresta e cerrado em pé. O trabalho vem sendo realizado durante cinco anos na Bacia do Xingu e já envolve 21 municípios, 17 aldeias indígenas e 18 assentamentos do estado.

Coletar sementes e viver dessa prática deixou de ser algo inimaginável para se tornar realidade em vários municípios mato-grossenses. Para muitos, a atividade deu qualidade de vida às famílias, gerando mais oportunidades e criando uma nova forma de se relacionar com a natureza. "Isso mudou a vida na minha casa. Com a minha entrada na rede, a qualidade de vida da minha família melhorou muito", conta Mara Fatth, cole-

tora de sementes de Querência (MT). Ela é uma entre os 300 coletores que compõem a Rede de Sementes do Xingu e hoje tira parte do sustento da família das espécies que entrega.

Assim como com a família de Mara, desde 2007, a Rede de Sementes do Xingu tem mudado a vida de muitas pessoas em Mato Grosso e hoje representa uma alternativa de geração de renda que valoriza a floresta e o cerrado em pé e seus mantenedores.

Alguns coletores já vivem apenas das sementes que entregam à rede, como é o caso de Ivo Cesário da Silva. Catarinense, se mudou para Canarana (MT) na década de 1970, e há alguns anos trocou a profissão de pintor pelas espécies de sementes do cerrado e de floresta que coleta. "Nunca pensei que viver disso seria possível, mas hoje é de onde tiro meu sustento."

Longe dali, mais ao norte do estado, em Canabrava do Norte (MT), no



© AMRION NIGONDA



© NATÁLIA GUERIN/ISA

A rede é peça-chave para os trabalhos de restauração ecológica realizados no âmbito da Campanha Y Ikatu Xingu

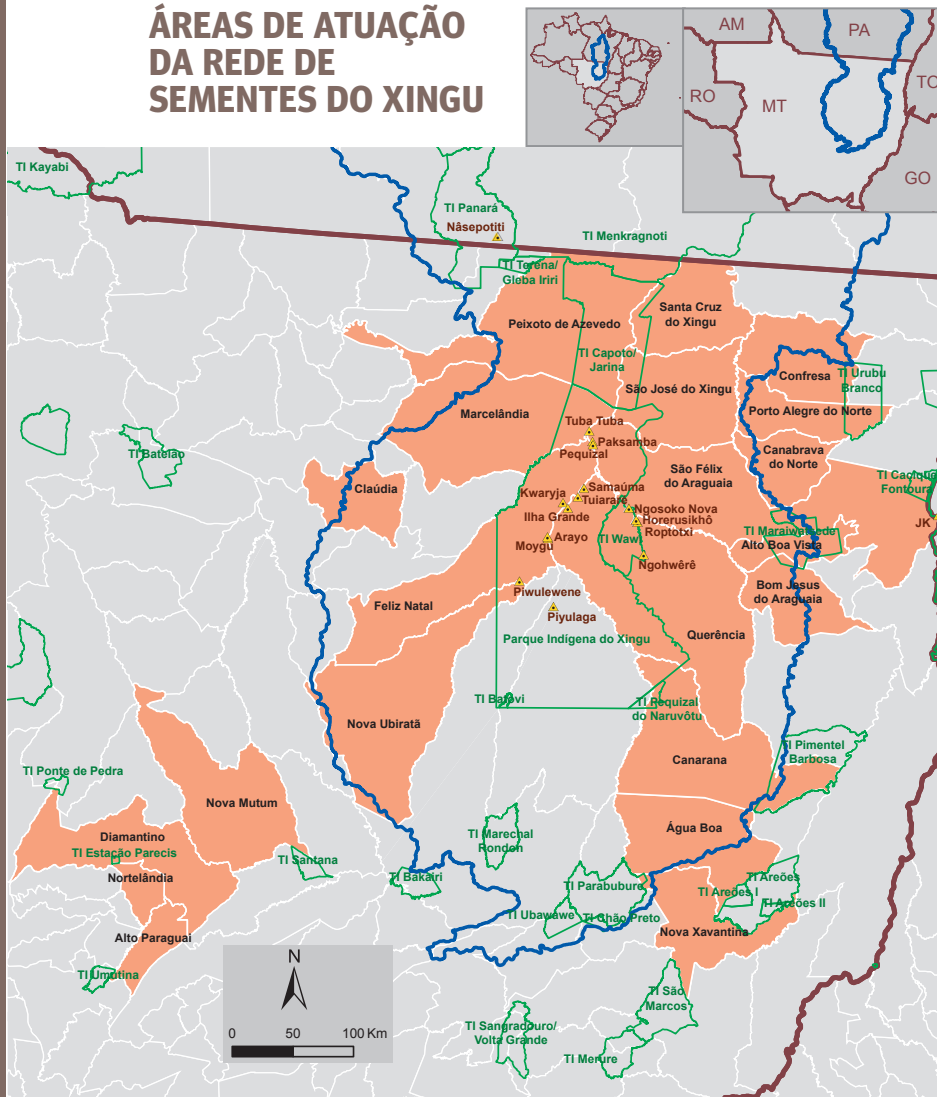
assentamento Manah, João Botelho Moura, conhecido como João Bode, e Acrísio Luis dos Reis complementam a renda familiar com a coleta de sementes. “A rede é uma boa saída. Ajuda a gente porque é mais uma renda”, diz João. Já para Acrísio é um pouco mais. “Isso é ótimo. Foi a melhor coisa que já aconteceu. Muitas vezes a gente deixava a semente perder na porta de casa, porque não sabia o valor que tinha e hoje tá dando uma grande renda pra nós. Eu, por exemplo, nunca mais precisei vender um bezerro adiantado”, conta orgulhoso, o coletor.

A iniciativa é o expoente do trabalho de restauração na região. Hoje, conta com coletores no meio rural,

urbano e nas aldeias indígenas e foi peça-chave no processo de restauração de mais de 2,5 mil hectares de áreas degradadas na Bacia do Xingu, no âmbito da Campanha Ykatu Xingu. Até a safra de 2011, a rede comercializou aproximadamente 71 toneladas de sementes, gerando R\$ 777 mil de renda para seus participantes. A expectativa agora é aumentar a produção para melhor atender a demanda – que não para de crescer.

A Rede de Sementes do Xingu é uma das poucas redes no Brasil que comercializa sementes de espécies arbóreas, herbáceas e arbustivas em grande quantidade. Está em 21 municípios, 17 aldeias e 18 assentamentos de Mato Grosso.

ÁREAS DE ATUAÇÃO DA REDE DE SEMENTES DO XINGU



ISA, 2012. FONTES: ALDEIAS E MUNICÍPIOS COM COLETA DE SEMENTES: ISA, 2012; LIMITE MUNICIPAL E LIMITE ESTADUAL: IBGE/DGC. BASE CARTOGRÁFICA CONTÍNUA, AO MILIONÉSIMO – BCIM: VERSÃO 3.0. RIO DE JANEIRO, 2010; TERRA INDÍGENA: ISA, 2011; BACIA HIDROGRÁFICA: ISA, 2010;



© AYRTON VIGNOLA



© AYRTON VIGNOLA



© ALEXANDRE MACEDO/MÓ DOCUMENTAL

De cima para baixo: Coleta de sementes de carvoeiro em Canarana; índios do Xingu limpando sementes para a rede e Acrísio Luis dos Reis em seu casadão

Legenda

- Aldeia com Coleta de Sementes
- Município com coletores de sementes
- Limite Municipal
- Limite Estadual
- Terra Indígena
- Bacia Hidrográfica do Rio Xingu

Olhando para o futuro

Com o crescimento da venda de sementes e do número de coletores, desde 2010, a Rede de Sementes do Xingu vem buscando se estruturar para alçar voos maiores, buscando mais autonomia.

Para tanto, um Plano de Negócios foi elaborado para avaliar sua viabilidade econômica. O diagnóstico apontou que com um incremento no preço do insumo, sua competitividade seria mantida, supriria os custos de manutenção da rede e o plantio direto de sementes continuaria mais vantajoso para a restauração de áreas degradadas que o com mudas.

Além disso, um novo estudo sobre as alternativas e possibilidades de institucionalização da Rede de Sementes foi elaborado e nele duas possibilidades complementares foram postas em discussão: a configuração da rede como uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) e um consórcio de EIS (microempreendedores individuais). Dessa forma, enquanto a Oscip ficaria responsável

pelo trabalho social da rede, com apoio à articulação e capacitação de recursos, o consórcio ficaria responsável pela comercialização. “Com essa conformação a rede se tornaria mais autônoma e ao mesmo tempo manteria o seu caráter de negócio social, levando em consideração a diversidade de seus participantes: um microuniverso da Bacia do Xingu”, comenta José Nicola da Costa, responsável pela rede.

A nova configuração seria gerida por um conselho formado por representantes das instituições participantes da rede. Cada parte também teria sua estrutura de gestão separada: a Oscip seria formada por conselhos fiscal, executivo e diretor e o consórcio por uma superintendência operacional.

Para a decisão final, ainda falta o aceite dos coletores, suas inscrições como empreendedores individuais e os processos burocráticos de mudança da figura jurídica da rede. A expectativa é que no início de 2013 as alterações já estejam concluídas.

Isenção de imposto: mais um incentivo para o coletor

Depois de anos de muita argumentação, o governo de Mato Grosso enfim decretou a isenção da cobrança do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para produção e comercialização de sementes e mudas florestais nativas com finalidade de recuperação de áreas degradadas no estado.

Até então, a Secretaria da Fazenda do estado cobrava 17% de ICMS para emissão de nota fiscal sobre qualquer semente florestal, além de R\$ 16 por guia – valor cobrado pelas agências municipais. Agora, o decreto 1238, de 10 de julho de 2012, equiparou as sementes florestais nativas às agríco-

las, como a soja e o milho que já eram isentas do imposto. O descompasso virou coisa do passado e Mato Grosso se junta a estados como São Paulo, Paraná e Pará, e passa a incentivar quem tem a coleta de sementes florestais como fonte de renda e até os produtores rurais mato-grossenses que têm passivos para recuperar.

“Esperamos que esse ato seja um indicador de que Mato Grosso não retrocederá em relação a sua legislação ambiental. Essa conquista perderá seu potencial de transformação se não tiver mais passivo ambiental a recuperar”, afirma Rodrigo Junqueira, coordenador adjunto do Programa Xingu, do ISA.



© ACERVO ISA



© ACERVO ISA

Com as novas casas de sementes, o trabalho ganhará mais agilidade. Cada estrutura terá a capacidade de armazenamento de quatro toneladas

MAIS ESPAÇOS PARA ARMAZENAMENTO

Dois estruturas para armazenamento de sementes foram entregues em Porto Alegre do Norte e Nova Xavantina, ambas em Mato Grosso. Cada uma terá capacidade de armazenar quatro toneladas de sementes. Com as novas casas de sementes, os coletores terão maior autonomia, já que antes dependiam exclusivamente das estruturas de Canarana e de São José do Xingu (MT). Agora já são quatro casas espalhadas pelo leste mato-grossense, o que facilita a entrega, dá dinamismo às comercializações e garante maior qualidade das espécies coletadas.

A casa de Porto Alegre do Norte tem apoio da Associação Terra Viva e receberá sementes dos grupos coletores de Confresa, Porto Alegre do Norte e Canabrava do Norte. A outra, em Nova Xavantina, atenderá os coletores locais e de Água Boa. “Essas novas casas de sementes vão ajudar muito nosso trabalho: facilitar a entrega, diminuir despesa de transporte”, diz o coletor Santino Sena.

Instrução normativa de mudas e sementes florestais: novo desafio

Um dos desafios recentes da Rede de Sementes do Xingu é sua adequação à nova Instrução Normativa de Mudas e Sementes (IN nº56), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), publicada em dezembro de 2011, que regulamenta a produção, comercialização e a utilização de sementes e mudas das espécies florestais nativas e exóticas. Ela surgiu após cinco anos de discussão para diferenciar legalmente as sementes de espécies florestais das agrícolas, regulamentadas pela Lei 10.711 de agosto de 2003.

“No geral, esta instrução normativa ficou melhor do que a que foi levada para consulta pública. Ela apresenta alguns avanços como a inclusão do coletor de sementes na cadeia produtiva, a organização do setor, a simplificação de alguns procedimentos burocráticos, além da extinção de algumas taxas. Entretanto, continua longe de ser o necessário para apoiar o desenvolvimento de ações de restauração e pode inviabilizar o trabalho de produtores de sementes nativas que buscam o cumprimento da legislação”, explica José Nicola da Costa, biólogo do ISA e responsável pela Rede de Sementes do Xingu.

Agora, mesmo o agricultor – ou instituição – que doe ou troque sementes precisa declarar as espécies e a quantidade coletadas – o que não era necessário na antiga lei. Além disso, a nova instrução normativa também tende a dificultar a retirada de sementes ou mudas de áreas que serão desmatadas e ainda manteve a deliberação

que exige que um responsável técnico pelo trabalho – que só pode ser um engenheiro florestal ou um agrônomo – esteja presente em todas as fases.

Fora questões burocráticas, um dos principais desafios da nova regra é que algumas de suas exigências não se aplicam à realidade da rede. É o caso das sementes de pequi dos índios do Parque do Xingu (MT). A instrução exige um termo de conformidade de origem em caso de coleta em árvores plantadas, o que neste caso é inviável, pois os índios melhoram a espécie há anos e seria impossível saber a origem da primeira árvore. Outra regra que impacta a rede é a emissão de notas fiscais após a coleta, pois a maioria dos coletores mora longe das cidades, em aldeias e assentamentos.

Algumas soluções vêm sendo pensadas para a adequação. Segundo o consultor do ISA Eduardo Malta, o pri-

meiro passo é aproximar a IN da realidade dos coletores. Para tanto, as propostas discutidas são no sentido de retirar o controle excessivo da fase de beneficiamento das sementes e passá-lo para a fase de armazenamento; reconhecer os testes de viabilidade realizados em estruturas mais simples para fins de restauração florestal ou agricultura familiar e populações tradicionais; realizar um processo de discussão virtual para o estabelecimento de padrões de análises de sementes, unindo os conhecimentos de pesquisadores, produtores e coletores de sementes; aumentar o número de espécies inseridas no registro nacional de cultivares; e permitir que outros profissionais, quando capacitados, possam ser responsáveis técnicos.

A IN será testada durante dois anos e após esse período será reavaliada para verificar sua eficácia.



Em sentido horário: falsa saboneteira, tento amarelo, banana brava e amendoim bravo

Novas coletoras

O time de coletores indígenas da Rede de Sementes do Xingu foi reforçado este ano com a inclusão de um grupo de mulheres karajá, da aldeia JK, na Ilha do Bananal (TO). A adesão se consolidou por meio de uma parceria entre a Associação Nossa Senhora de Assunção (Ansa) – entidade responsável pela Rede de Sementes do Xingu em São Félix do Araguaia, e a Associação de Mulheres da Aldeia JK (Ahima JK).

Elas coletarão 19 espécies nativas e segundo seus cálculos, têm capacidade de coletar e entregar dois mil quilos para a safra 2012/2013. “Nós temos muitas árvores aqui: murici, baru, mirindiba, pequi, sucupira, cagaíta, oiti. Só aqui na minha casa tenho quatro pés de mirindiba, tenho murici. Esse projeto vai ser bom para a gente, vai trazer mais renda para a nossa comunidade”, afirma o cacique Paulo Krumaré.

“Vai ser bom e vem tudo da natureza”, diz Marissiru Karajá, que vive da venda de artesanato, mas já vislumbra na Rede de Sementes uma boa oportunidade de geração de renda.

Enquanto isso, no Parque do Xingu (MT), algumas aldeias novatas fizeram em 2012 sua primeira entrega para a rede. São as aldeias Aruak, dos Waura, e Kwarujá, dos Kawaiwete. Juntas, elas entregaram 35 espécies, num total de 595,7 kg e R\$ 17.736,00.



As mulheres indígenas são as principais responsáveis pela coleta de sementes nas aldeias

Microcrédito para os coletores

O Fundo Rotativo foi lançado em 2010 para fortalecer o trabalho dos coletores da Rede de Sementes do Xingu. Até o início deste ano, era gerido pelo Instituto Socioambiental (ISA) – organização responsável pela animação da rede – mas passou, em abril, para as mãos da Organização Eco-social do Araguaia (Oeca) – uma instituição especializada em concessão de microcrédito, o que dá maior segurança jurídica ao processo de empréstimos e devoluções.

A proposta deve ser formulada com o responsável pelo grupo, o elo, e encaminhada à Oeca para análise. Após o recebimento, a organização levará o projeto para o Comitê de Crédito – composto pelos elos da Rede de Sementes – para avaliação. Projeto aprovado, o recurso é liberado ao coletor em, no máximo, 10 dias. O crédito pode ser solicitado para aquisição de materiais de insumo básico para coleta, transporte, beneficiamento e armazenamento de sementes.

“Queremos virar verdadeiros parceiros dos coletores”, diz Denilza Oliveira, presidente da Oeca. Para 2012, o fundo pretende aprovar 35 projetos, beneficiar 13 grupos coletores e disponibilizar R\$ 29,5 mil.

“O fundo é muito bom. Eu mesmo já peguei três ou quatro vezes o crédito para comprar ferramentas. Então eu sei que esse fundo ajuda muito a melhorar nosso trabalho de coleta de sementes”, conta Santino Sena, coletor de Nova Xavantina (MT).

Os empréstimos poderão variar, dependendo do histórico de entrega do coletor. Veja o quadro ao lado para entender como funcionam as categorias e os valores que podem ser solicitados.

Categoria	Valor comercializado	Valor do crédito máximo concedido
(A)	Até R\$ 1.000,00	Até R\$ 1.000,00
(B)	Entre R\$ 1.000,00 e R\$ 5.000,00	Até R\$ 2.000,00
(C)	Entre R\$ 5.000,00 e R\$ 10.000,00	Até R\$ 3.000,00
(D)	Acima de R\$ 10.000,00	Até R\$ 4.000,00

Expandindo os horizontes

A Rede de Sementes do Xingu tem inspirado algumas iniciativas Brasil a fora, gerando frutos e incentivando novos projetos.

Amazonas

EM APUÍ, SUL DO AMAZONAS, representantes da Rede de Sementes do Xingu, da Rede de Sementes da Amazônia e da Universidade Federal da Amazônia participaram da formação da Rede de Sementes de Apuí. Uma iniciativa do Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (Idesam), realizada por meio do projeto Semeando Sustentabilidade, para viabilizar os trabalhos de adequação ambiental da cidade.

EM MANAUS (AM), os coletores da rede trocaram experiência com a Rede de Sementes da Amazônia num intercâmbio realizado pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam) em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), com o Ministério da Agricultura, Agropecuária e Abastecimento (Mapa) e com o Instituto Socioambiental (ISA). Lá, compartilharam seus conhecimentos com o grupo do Centro de Sementes Nativas da Amazônia, uma unidade de pesquisa da universidade. No intercâmbio foi possível conhecer o processo de análises de sementes, novas formas de manejos e as pesquisas realizadas.



© ACERVO ISA

Mato Grosso

A **TERRA INDÍGENA MARÃIWATSÉDE**, dos Xavante, em Mato Grosso, também buscou a Rede de Sementes do Xingu para recuperar o devastado território em processo de retomada pelos indígenas. Junto com a organização Operação Amazônia Nativa (Opan), por meio dos trabalhos executados no âmbito da Articulação Xingu Araguaia (AXA), a rede passou a assessorar os indígenas na coleta de sementes para estimular a recuperação gradativa da vegetação do local. “Precisamos recuperar mata, senão não vamos mais ter alimento”, diz o cacique Damião Paridzané. O trabalho ainda está em fase inicial, mas o grupo está otimista com a nova possibilidade.

Pará

ALTAMIRA (PA) também recebeu a Rede de Sementes do Xingu. A ideia lá era fortalecer um trabalho que já vinha sendo feito por uma cooperativa da região e pelo Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará (Ideflor). Foram mais de 50 participantes entre ribeirinhos, coletores de sementes de Mato Grosso e do Pará, universitários e representantes de instituições locais que trabalham com recuperação de áreas degradadas. Eles aprenderam sobre técnicas de coleta de sementes, armazenamento, produção de mudas, precificação, comercialização e conheceram novas alternativas econômicas que podem ser retiradas da floresta, como a fabricação de produtos não madeireiros. Com auxílio das instituições parceiras, os extrativistas estão dando continuidade ao trabalho iniciado durante a oficina para ver a possibilidade de integrarem a Rede de Sementes do Xingu com as espécies da região.

Bahia

LUIS EDUARDO MAGALHÃES, CIDADE DO OESTE BAIANO, também agregou o trabalho da rede em seus projetos. Desde meados de 2011, tanto a coleta de sementes, como os processos de restauração ecológica realizados pelo ISA, no âmbito da Campanha Y Ikatu Xingu, geraram interesse de instituições que atuam na cidade e inspiraram um trabalho de recuperação de áreas degradadas na região. A prefeitura, junto com organizações como Conservação Internacional (CI) e Instituto Lina Galvani contam com um projeto de adequação ambiental do município baiano: a Campanha LEM APP 100% Legal, realizada no âmbito do projeto Produzir e Conservar, da CI. Até o momento, foram restaurados 77 hectares no município, gerando o surgimento de uma nova cadeia produtiva e melhorando a renda da comunidade local.

PLACIDES PEREIRA LIMA: UM BURILADOR DA TERRA

Trabalhar na terra exige esforço e visão. No estado campeão de desmatamento no Brasil, o baiano Placides Pereira Lima, apostou no plantio e mais tarde, aprendeu que a diversificação de sua produção era a melhor alternativa para o sustento da família.

Dos poucos hectares de seu lote no assentamento Manah, em Canabrava do Norte (MT), fez uma agro-



floresta, ou um casadão como é conhecido na região o plantio de variadas espécies. O trabalho foi incentivado pela Associação de Educação e Assistência Social Nossa Senhora da Assunção (Ansa) e pela Associação Terra Viva (ATV) – participantes da Rede de Sementes do Xingu. “Tinha só uns gadinhos aqui. Ou eu arrumava um jeito de produzir ou ia ter que voltar a trabalhar na fazenda dos outros”, conta o assentado.

Hoje, com mais de 60 anos, e com as mãos calejadas da lida da terra, vive orgulhoso de sua produção que além da mandioca, conta com mais de 80 espécies. “Quando eu cheguei aqui não tinha recurso. Arranquei braquiária na mão pra poder plantar. Hoje, vivo bem com minha plantação. Alimento a família, vendo o que sobra pra escola, aproveito a semente na rede, as frutas na fábrica de polpas da Ansa. E assim a gente vai levando.”

Hoje Placides é um dos 300 coletores da rede e aproveita tudo que dá no seu lote. Em 2011, entregou 115 quilos de sementes e a expectativa é que para 2012 a quantidade quase duplique, aumentando a renda e ainda mais a qualidade de vida de sua família.

“Agora eu me sinto mais seguro. A diversificação é o primeiro passo para nossa garantia, porque se é diversificado, todo mês eu tenho algo produzindo. E se a produção sobra, eu posso vender, alimentar os meus animais, pegar sementes e isso tudo gera renda, além de alimentar bem família. Então, são essas atividades é que fazem a gente se empolgar, mas só se descobre essas coisas com coragem”, ensina.



Placides ao lado da esposa e do amigo João Bode. A área que tinha apenas um gadinho, hoje conta com mais de 80 espécies

FOTOS: © ALEXANDRE MACEDO

Entenda o funcionamento da Rede



INFORMATIVO SOBRE A REDE DE SEMENTES DO XINGU

Jornalista responsável: Christiane Peres (MTB 6815/DF); Colaboraram nesta edição: José Nicola da Costa e Rodrigo Gravina Prates Junqueira; Mapa: Heber Queiroz; Projeto gráfico e diagramação: Ana Cristina Silveira. Tiragem: 2.000 exemplares

CONTATO Instituto Socioambiental (ISA) Av. São Paulo, 202, Centro, Canarana, CEP 78.640-000. Tel (66) 3478-3491. isaxingu@socioambiental.org

REALIZAÇÃO



PARCERIA



APOIO



FUNDO VALE

